



Os Clássicos na poesia de Nuno Júdice – o mito de Europa¹

The Classics in the Poetry of Nuno Júdice – The Myth of Europe

Susana Marques Pereira

Universidade de Coimbra (UC), Coimbra/Portugal²

smp@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-4432-2517>

Resumo: Na poesia de Nuno Júdice,³ caracterizada por uma intertextualidade diversificada, é comum o recurso a motivos e figuras da Antiguidade Clássica para interpelar a Modernidade. O mito, linguagem simbólica intemporal e universal, é um domínio especialmente sedutor para o autor português. Cidadão europeu, Júdice dá voz à realidade vivida no velho continente em que se integra com um olhar crítico, recuperando em particular o famoso mito de Europa para o redizer na

¹ Contributo enquadrado no âmbito do projeto complementar ‘Reescrita do Mito’ do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

² Faculdade de Letras - Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

³ Nascido em 1949 no Algarve, Nuno Júdice acostumou-se desde tenra idade a ler diversos autores que tinha em casa ou na sedutora biblioteca de um professor primário da sua terra (e.g. Soares de Passos, Florbela Espanca, Vítorino Nemésio, Fernando Pessoa/Álvaro de Campos, Mário de Sá Carneiro). Testemunha de uma época de ditadura, num Portugal muito fechado, Júdice viajava através da imaginação, pela leitura de textos de Júlio Verne ou de Robert Louis Stevenson, por exemplo. Licenciou-se em Filologia Românica, formação que lhe proporcionava logo à partida conhecimentos de Cultura Clássica e o contacto com a língua latina, e doutorou-se mais tarde em Literatura Medieval. Além de escritor, com um trabalho vasto e diverso, que inclui poesia e prosa e que tem sido muito premiado em Portugal e no estrangeiro, foi professor na Universidade Nova de Lisboa até 2015, atividade profissional certamente favorecedora de uma prática autorreflexiva, visível na produção de ensaios como *O processo poético*, em 1992, ou *As Máscaras do Poema*, em 1998, para além de outros títulos mais recentes. Entre várias funções importantes que tem desempenhado, nomeadamente a de Diretor do Instituto Camões, em Paris (1997-2004), mantém na atualidade o cargo de Diretor da Revista literária *Colóquio-Letras*, a par de uma presença regular como cronista e crítico literário em jornais portugueses como o *Expresso* ou o *Jornal de Artes, Letras e Ideias*.

Contemporaneidade. No presente estudo, através da abordagem de duas composições poéticas, procura-se delinear a imagem que o autor apresenta de uma Europa em que ele próprio se movimenta no quotidiano do final do século XX e do início do século XXI.

Palavras-chave: Nuno Júdice; mito de Europa; receção dos clássicos; poesia portuguesa contemporânea.

Abstract: In the poetry of Nuno Júdice, characterized by a diversified intertextuality, it is common to use motifs and figures from the Classical Antiquity to challenge Modernity. The myth, a timeless and universal symbolic language, is a particularly seductive domain for the Portuguese author. A European citizen, Júdice gives voice to the reality lived in the old continent where he integrates with a critical eye, recovering in particular the famous myth of Europe to rediscover it in Contemporaneity. In this study, through the approach of two poetic compositions, the aim is to outline the image the author presents of a Europe in which he himself moves in the daily life of the end of the 20th century and the beginning of the 21st century.

Keywords: Nuno Júdice; myth of Europe; classical reception; contemporaneous Portuguese poetry.

A Antiguidade Clássica tem uma presença reiterada na poesia de Nuno Júdice,⁴ uma escrita marcada por uma intertextualidade intensa e diversificada, que convoca e interpela autores de diferentes tempos e lugares para exprimir a Modernidade.⁵ Nas suas composições, resultado de

⁴ A herança clássica é desde logo perceptível em múltiplos títulos de poemas integrados em coletâneas datadas de diferentes anos, refletindo a importância que o diálogo com o mito adquire na sua poesia (cf. e.g. “Ulisses, uma página”, em *Um canto na espessura do tempo*, 1992); “Circe” (em *O movimento do mundo*, 1996); “Carta de Orfeu a Eurídice” (em *Pedro lembrando Inês*, 2001); “Regresso à caverna de Platão”, (em *Geometria variável*, 2005); “Prosérpina, o que é a vida?” (em *As coisas mais simples*, 2007); “A perversão de Narciso” (em *Navegação de acaso*, 2015); “Leda e o cisne” (em *O mito de Europa*, 2017).

De acordo com o testemunho do próprio Nuno Júdice, “muitas vezes as influências de autores e mitos da Antiguidade são indiretas: a Cultura Clássica encontra-se em poetas mais recentes, e quando os lemos, deparamo-nos por vezes com motivos ou temas que podem dar origem a novos poemas” (cf. THE CLASSICAL RECEPTION STUDIES NETWORK, 2020).

⁵ O diálogo constante com autores e com culturas mais ou menos distantes resulta de inúmeras e variadas leituras, bem como do relacionamento pessoal com diferentes figuras da Contemporaneidade, como Adonis ou Amin Maalouf.

um trabalho diário, desde a década de setenta do século XX, distinguem-se ideias insistentes, particularmente relacionadas com a criação poética, com a condição humana, com as relações interpessoais, pelo que temas como o ato da escrita, a natureza, o amor, a vida, a morte, a fugacidade da existência são recorrentes. A sedução do autor pelo mito é evidente, associando-se a um interesse especial pela mitocrítica e pelo trabalho de Gilbert Durand, favorecedores do entendimento do imaginário coletivo como uma linguagem simbólica intemporal e universal, e reveladores do importante papel da memória, capaz de resistir ao tempo que foge, à degradação humana, à finitude. De acordo com o testemunho do próprio poeta português,

Cada poema é escrito pelo que foi lido, e pelo que continua a ser lido. Insisto nesta ideia de tradição poética, de uma sequência que vem das origens do homem e do uso do discurso [...] e creio que o significado da poesia está ligado a esta continuidade [...] os mitos explicam que o poema não pode ser reduzido a um facto individual, ligado à história de uma única pessoa, como é o caso do sonho no sentido freudiano. (JÚDICE, 1998a, p. 55)

O poema “A criação do mito”, integrado na obra *O mito de Europa*, de 2017, é bem expressivo do entendimento judiciano da noção de mito:

Os mitos conservam-se se os metermos
num pote de barro, sem água, apenas com muitas
ervas, de preferência aromáticas, e algumas
folhas de louro. Depois, tapa-se o gargalo
com um tecido grosso e ata-se com uma corda,
antes de pegarmos no pote e o levarmos
para a cave, onde terá de ficar fechado alguns
anos, ou melhor, alguns séculos,
antes de o voltarmos a abrir. Pode ser que os agnósticos
vejam aqui uma contradição: se o pote só pode ser
aberto daqui a uns anos, ou melhor, séculos, quem
ficará para ver se o mito se conservou? Os descrentes
têm sempre argumentos para contrariar o inventor
de mitos; e o que posso responder é que, apesar
de estar fechado e escondido, o mito não precisa de ser
aberto para que o verifiquemos, tal como o coração

dos amantes não tem de ser arrancado do peito para que, um e outro, saibam que o amor existe e pulsa nos seus corpos. Portanto, concluo, basta saber que o pote encerra o mito para reconhecer a sua verdade; e, quando muito, podemos aproximar-nos do tecido que fecha o pote e aspirar o seu aroma, divino como o perfume do amor e sagrado como o sentimento que o acompanha.
(JÚDICE, 2017)

Os versos transcritos, tradutores do carácter perene do mito, explicitam a ideia de que este é redutível a um núcleo essencial, facilmente reconhecível, na senda da perspectiva aristotélica sobre esta questão (cf. ARISTÓTELES, 2004:1553b) – assim se compreende que a sua conservação não necessite de água, mas apenas de alguns temperos, ilustrativos de sensibilidades e de perspectivas distintas da parte de quem o recupera. As sementes do mito, condimentadas com diferentes aromas, produzem efetivamente frutos diversificados, em épocas e em locais variados. Significativamente, entre os temperos destaca-se a folha de louro, planta associada ao âmbito oracular e poético, como se sabe. “Abrir o pote de vidro onde o mito está encerrado” implica encontrar as sementes acrescentadas de outros ingredientes que lhes foram associados, numa combinação entre tradição e inovação que alude ao processo de receção a partir da origem. A atualização do mito depende do contexto, havendo uma espécie de reciclagem permanente do mesmo, que permite expandi-lo a outras necessidades e modos de expressar a condição humana, e que demonstra a sua plasticidade.

De modo relevante, Júdice recorre a um dos temas principais da sua poesia, o amor, e aproxima a capacidade de perceção do que é essencial no mito da confiança dos amantes num amor mútuo, que não necessita de provas visíveis para ser alimentado.

Um dos mitos que o poeta português convoca com insistência é o de Europa, que se constitui inclusive como título de uma obra poética, publicada em 2017, a sublinhar a urgência de se (re)pensar o velho continente, de modo a que possa subsistir um ideal europeu, em termos culturais e civilizacionais. Nos versos judicianos, Europa funde contornos antropomórficos, ilustrativos de erotismo, de sentimentos e de

emoções, com traços cartográficos, representativos de um espaço concreto no qual o poeta está inserido. Recuperando *topoi* convencionais, em diversos domínios,⁶ da famosa história mítica, Júdice dá voz à realidade contemporânea em que vive, com um olhar crítico e tradutor de “uma poesia próxima da vida”,⁷ persistindo em motivos como a sedução feminina, a errância, o questionamento, a morte, recorrentes na sua obra poética. Abordado em quatro poemas datados de anos diferentes, o mito de Europa revela uma perspectiva realista – e de censura – de Júdice, sobretudo a nível sociocultural e civilizacional, face a um continente no qual ele próprio também se integra: evidencia-se a noção de uma degradação da ideia de Europa, de memória coletiva (cf. “O rapto de Europa” (JÚDICE, 1998b), “Europa em Roterdão” (JÚDICE, 2006), “Epitáfio para uma Europa” (JÚDICE, 2008), “O mito de Europa” (JÚDICE, 2017)).

Por motivos pragmáticos, o presente contributo circunscrever-se-á a uma abordagem apenas dos poemas de 1998b e de 2006, com a consciência de que Júdice, “português quanto à língua e à tradição, mas europeu quanto à situação cultural e civilizacional”, só não considera a composição de 2017 sobre a Europa um *requiem* porque acredita que o velho continente “tem o condão, e a necessidade, de se reinventar para poder sobreviver, e nada melhor do que esse mito clássico para ilustrar esta ideia”.⁸

A composição de 1998b, escrita num momento de final de século, insere-se na coletânea *Raptos*, designação sugestiva de um aspeto

⁶ Numerosos testemunhos mais ou menos antigos revelam a pluralidade de âmbitos em que este célebre mito é abordado, desde o literário ao plástico, passando também pela esfera da numismática (ROBERTSON, M. *LIMC* IV. 1: 76 sqq., s. v. Europe elenca fontes literárias e iconográficas da Antiguidade sobre esta história). Nos múltiplos tratamentos, surgem diversos elementos associados a esta lenda, como as figuras de uma bela jovem e de um magnífico touro ou o encontro amoroso entre ambos, promissor de ilustre descendência (cf. e.g., na literatura, *Il.* 14. 321-322, Mosco de Siracusa, *Idílio II* ou *Europa*, *Ov. Met.* 2. 837 sqq.; *Hig. Fab.* 178, David Mourão-Ferreira, ‘Retrato de rapariga’, J. Ribeiro Ferreira, ‘O futuro sempre por cumprir’; nas artes plásticas, Veronese (séc. XVI), Simon Vouet (séc. XVII) e Henri Matisse (séc. XX), ‘O rapto de Europa’, Gustave Moreau (séc. XIX), ‘Jupiter et Europe’; na numismática, moedas de Gortina (sécs. V-IV a.C.), atuais moedas gregas de 2 euros).

⁷ Título do contributo de Nuno Júdice num volume de homenagem a António Reis, publicado em 2020 e editado por J. Bogalheiro e M. Guerra: *Descasco as imagens e entrego-as na boca – Lições António Reis: 67-79*.

⁸ Cf. THE CLASSICAL RECEPTION STUDIES NETWORK, 2020.

valorizado no tempo presente pelo ‘eu’ judiciano – a ideia de extorsão de elementos de uma herança coletiva, indiciadora de uma preocupante crise de identidade, de uma Europa que se perde na massificação cultural, na globalização geral das sociedades contemporâneas. O título do poema, “O rapto de Europa”, ao recuperar uma história da tradição mítica europeia, convertida em linguagem simbólica universal, alude em simultâneo a uma situação contemporânea que o autor denuncia, com voz crítica.

O RAPTO DE EUROPA

Bem me parecia que as tuas costas não me eram estranhas,
ó virgem nua, agarrada aos braços do touro. Com o sol a
bater-lhes
e a luz a dançar por entre as coxas e as nádegas,
enquanto o focinho divino te procura os seios, talvez
murmures algo entre a queixa e a súplica. De facto,
não é esta a situação nupcial mais cómoda; e sabes
que esses cornos te irão rasgar o ventre quando passares
por entre as nuvens, onde irás sofrer a arremetida
do sol. Então, os teus cabelos hão-de brilhar com o sangue
fresco, que cairá como chuva primaveril nas planícies férteis
do
continente. Quantas florestas
brotarão desse húmus! Quantos sonhos se alimentarão
do teu corpo, abraçando o golfo que se abre entre o flanco
e o peito, desejando uma navegação batida pelos êxtases
do amor!

Mas é esta a regra do desejo. O próprio deus
a cumpre até ao fim, com o seu peso de terra. Bem podem
os teus lábios carpir a perda inocência, quando nenhuma
ave
atravessa a esfera do humano: é que o seu reino é
o azul, onde o fogo sublime não a atinge com a sua ira.
Porém,
atinge o teu sexo aberto pelo desejo mais alto: o das estrelas
apagadas pelo teu jovem fulgor; e o dos seres
pálidos pelo infinito, prostrados pelo cansaço celeste.
Respiras,

então, numa ânsia de luz. A cegueira de um deus exausto
escorre-te
pelos ombros. O seu fôlego prende-te ao efêmero,
rouba-te a inspiração do amanhã. Agarras-te à nuvem, como
se puxasses o lençol para te cobrir a nudez; mas é a sua
língua
que tapa os teus membros, descobrindo-te os ombros.
Enterras
os pés no continente, nos seus vales mais fundos; e as
montanhas
amparam-te na queda, rasgam-te cada pedaço da pele
mais amada, ressequida pelo excesso do olhar.

Piso-te, de um lado ao outro
do mapa. Habito as tuas cidades numa ânsia
de partir – atrás de ti, ó mulher nómada,
corrupta e pura, olhando o céu esvaziado
de abril.
(JÚDICE, 1998b)

Logo nos versos iniciais do poema, a memória literária do sujeito poético instiga-o a entrecruzar passado e presente, numa continuidade temporal ilustrativa da sua proximidade com a imagem feminina que descreve – e que interpela –, num tom erótico, comum na poesia de Júdice (cf. “as tuas costas não me eram estranhas,/ó virgem nua”), e tradutor da capacidade de sedução de uma Europa <ainda> despojada e ingénua, sintomaticamente segura nos braços protetores do másculo touro <possante> que a arrebatava. O momento escolhido do mito destaca a volúpia do animal perante o apetecível corpo feminino que retém e do qual se singularizam coxas, nádegas, seios, ventre, cabelos, lábios, ombros. Num auspicioso cenário solarengo e luminoso, o focinho do ávido touro cuja origem divina, prestigante para Europa, se precisa entretanto, procura os seios da donzela, deixando-a entre ‘a queixa e a súplica’ face a uma ‘situação nupcial’ inesperada e singular. Os cornos divinos rasgarão o ventre desta donzela, tornando-a mulher e satisfazendo um desejo promissor de fertilidade. A memória mítica vincula-se assim à noção de atração, de prazer, também em Júdice, que destaca atributos físicos de uma Europa almejada, pondo em relevo a sedução por esta

imagem cativante, sem qualquer referência ao estatuto real que o mito associa à lendária filha do soberano fenício Agenor ou às companheiras que a rodeavam junto ao litoral donde fora raptada. É a própria Europa que está em causa e que é importante focalizar, independentemente de outras figuras que com ela se relacionam por tradição.

Nesta (re)escrita de Júdice (1998b), a jovem tornada mulher converte-se, em simultâneo, em continente: o rapto da virgem, a viagem, o encontro amoroso, dão lugar a uma fundação, tal como no mito da Antiguidade. O sujeito poético pisa este continente, num vaivém constante, reflexo da procura de um caminho numa Europa moderna, sem rumo. O contacto com a realidade europeia do final do século XX, com uma Europa concreta em termos geográficos, políticos, económicos, culturais, implica desilusão e receio para Júdice, implica desmontagem do mito, numa sobrevalorização da natureza humana, “nómada, corrupta e pura”, efêmera. A viagem outrora empreendida pela jovem Europa cabe agora ao ‘eu’ poético que a pisa, “de um lado ao outro do mapa”, em busca de uma liberdade – e de uma identidade – conquistada pelos Portugueses, em abril de 1974, que parece esvair-se em favor da massificação. Mito e realidade presente, memória e vivência atual, tradição e inovação entrelaçam-se para exprimir sentires e experiências hodiernas. O diálogo com o imaginário clássico permite desenhar a imagem de uma Europa sedutora, para se evidenciar entretanto a visão apreensiva de uma realidade com que os próprios portugueses, cidadãos da Europa, se veem confrontados na atualidade.

Em 2006, Nuno Júdice regressa à história de Europa, no poema “Europa em Roterdão”, ainda que de modo mais velado. Roterdão, urbe cosmopolita e muito movimentada, é representativa de inúmeras outras cidades, enquanto espaços de incomunicabilidade, de solidão no meio da multidão, de ausências, de desencontros, de fragmentação. Por outro lado, sendo uma urbe com um importante porto europeu, simboliza um lugar de chegada e de partida, um lugar associado à ideia de viagem, de caminhos, sejam eles exteriores ou interiores, já percorridos ou a percorrer. A paisagem urbana escolhida, real e muito marcada por construções humanas, traduz um modo frenético de vivência do tempo na Europa hodierna.

EUROPA EM ROTERDÃO

Dói-me o coração da europa, com as suas veias inchadas pelo vento do ocidente, e as suas mãos gretadas pelo gelo dos invernos. Sentei-me com a europa num bar de roterdão, desenhando na cabeça os mapas do mundo; e obriguei-a a beber o café holandês, com os seus lábios doentes, como se a europa não fosse o continente insone dos últimos milénios, varridos pelos temporais da mitologia, de crença abalada por um terror ateu.

Vi a europa nesse café de roterdão, antes de sair para as ruas desenhadas a compasso e esquadro; perguntei-lhe para onde queria ir; e ouvi o seu murmúrio despir-se de uma palidez plural, como se ela quisesse ser o rosto único da multidão, e passear num anonimato de rua cosmopolita, ouvindo as vozes que lhe falam de ilhas e praias, restituindo-lhe um sonho de antigas viagens.

Vejo nos seus olhos um reflexo das ruas e guindastes do porto de roterdão, e apago-o com a borracha da eternidade, para que ela se sente na esplanada onde lhe peço que me fale; e ela olha-me, em silêncio, com a voz alucinada num eco de loucura; e ouço-a dizer-me que não sabe em que tempo vive, como se fosse eu que lhe tivesse de ensinar o caminho.

Pego na sua mão; e ela desfaz-se nas linhas improváveis do poema, onde se projeta uma sombra do que eu perco, na noite de roterdão.
(JÚDICE, 2006)

De modo sintomático, o poema tem início com um significativo verbo expresso na primeira pessoa do singular, ilustrativo de um sentir que o eu lírico associa à Europa em que vive e que com ela partilha: “dói-me”. De forma igualmente relevante, especifica-se de imediato o órgão perturbado pelo mal: o coração, centro dos afetos e das emoções e peça vital da existência humana. “Veias inchadas e mãos gretadas” são

manifestações físicas visíveis do mal-estar de uma Europa aparentemente apoquentada pelo vento e pelo gelo que os invernos desgastam, mas efetivamente abalada por uma crise identitária e de valores. Outros sinais se acrescentam a esta exteriorização do mal experimentado por essa mulher-continente, deixando perceber uma tonalidade pessimista no retrato da Europa hodierna: “lábios doentes, continente insone, palidez, voz alucinada num eco de loucura”, sem saber “em que tempo vive”. A vivência presente impele o sujeito poético a interpelar a própria Europa, numa cidade cosmopolita por excelência, Roterdão, que reflete afinal o ambiente geral do velho continente. Sentado com ela, numa familiaridade inegável, num bar dessa metrópole de arquitetura impressionante e de (des) encontros de inúmeras nações e culturas, obriga-a a beber um café capaz de a manter desperta para problemas como aqueles que decorrem da globalização geral das sociedades; um café capaz de a manter alerta para se repensar e se reencontrar. Um cenário do cotidiano coevo propicia a reflexão poética, evidenciando uma relação estreita entre o mundo concreto, a vida real, em permanente transformação, e a poesia judiciana. A insônia revelada por Europa nos “últimos milénios”, em vez de lhe direcionar o olhar para importantes questões intrínsecas, como a relevância da preservação de uma herança cultural, património identitário, favoreceu a descrença, “um terror ateu” numa Europa “à deriva”. A abordagem do sujeito poético arranca à Europa um pálido murmúrio, que se constitui, ainda assim, como um fio de luz, ao invocar, no tempo presente, agradáveis imagens de outrora, de ilhas e de praias, “um sonho de antigas viagens”, elementos que o mito integra. No universo cosmopolita que a envolve, é a memória que lhe proporciona um ténue alento, deixando entrever a precariedade que a passagem do tempo favoreceu e a voz crítica do próprio poeta.

Os olhos de Europa, “espelho da alma humana”, singularizados em início de estrofe e de verso, refletem as vivências da moderna Roterdão, rosto de muitos rostos, cidade de incontáveis indivíduos, de múltiplas culturas, mas à qual dificilmente se reconhece uma identidade – é uma mescla identitária e cultural, de ruas e de guindastes. Empenhada em inverter esta situação e em procurar recuperar a velha Europa, a escrita poética apaga o reflexo que vê, numa atitude evidenciadora de contornos metapoéticos muito presentes nas composições judicianas e

que poderá entender-se aqui como um desafio a um retorno ao passado ou, quem sabe, à procura de um futuro distinto do presente. Em tom de censura, o eu lírico denuncia a alucinação da Europa hodierna, sem rumo, a necessitar de definir um caminho, de se reposicionar. Deste modo, a partir do olhar, a partir da visão, sentido muito destacado na poesia de Júdice em geral, estabelece-se um confronto entre a realidade exterior e “visível”, definidora do perfil de uma grande metrópole dominada por um atordoante movimento contínuo, e o interior do ser, o interior do indivíduo, sobremodo urbano, perdido na velocidade frenética do quotidiano, perdido num universo global.

A combinação entre o mundo real e o motivo da criação poética torna a ser manifesta nas últimas linhas do poema: quando o sujeito pega na mão de Europa, ela “desfaz-se nas linhas/improváveis do poema”. A consciência da produção, porém, não deixa de dar voz às reflexões sobre a realidade presente.

Em jeito de conclusão

Que Europa é aquela que Júdice (1998b; 2006) nos apresenta nestes dois poemas?

Em ambas as composições, é perceptível a familiaridade do sujeito poético com a Europa que descreve e que interpela (cf. diversos pronomes e verbos nas 1^a e 2^a pessoas), testemunhando como o autor, ele próprio um cidadão europeu, observa, revela e reflete criticamente sobre o continente em que vive. Deste modo, a realidade presente da Europa é focalizada através do ponto de vista de alguém que nela se movimenta no quotidiano e que a questiona, inquieto, apreensivo, em defesa de uma herança cultural comum, património identitário. No primeiro poema, o relato mítico, sugestivo das raízes do homem europeu, patrocinadas pelo mundo divino, sublinha o desejo intenso por uma Europa apeteçível, sedutora, traçando-se um perfil físico cativante, incapaz de deixar a própria divindade indiferente aos atrativos femininos. Nesse sentido, sobrevaloriza-se o encontro amoroso e a promessa de um futuro, ainda que não deixe também de se salientar a dimensão efémera e precária da bela mulher raptada pelo ávido touro, constringida a confrontar-se, depois da relação, com a realidade concreta do final do século XX, i.e.,

com o contexto de crise europeia experimentado também pelo sujeito poético, à deriva, num trajeto de autoindagação.

No poema de 2006, as características descritas realçam uma Europa enferma, perdida na massificação cultural, isolada no meio da multidão frenética que calcorreia as suas artérias, uma Europa em que a decepção se sobrepõe à ilusão, uma Europa que precisa de se repensar.

A memória, a sedução feminina, as relações interpessoais, a condição humana, o ato da escrita, motivos recorrentes na poesia judiciana, são convocados pelo poeta português para refletir sobre a sua vivência numa Europa concreta, transformada, fragmentada, a necessitar de uma incursão por si mesma em busca da sua tradicional identidade cultural e civilizacional.

Referências

ARISTÓTELES, *Poética*. Trad. de A. M. Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

JÚDICE, N. *A matéria do poema*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2008.

JÚDICE, N. *As coisas mais simples*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006.

JÚDICE, N. *As máscaras do poema*. Lisboa: Aríon, 1998a.

JÚDICE, N. *O mito de Europa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2017.

JÚDICE, N. *Raptos - Enlèvements - Kidnappings*. Lisboa: Quetzal, 1998b.

THE CLASSICAL RECEPTION STUDIES NETWORK. Lusophone BLOG TAKEOVER #7. *The Classical Reception Studies Network Blog*, [s. l.], Sep. 6, 2020. Disponível em: <https://classicalreception.org/lusophone-blog-takeover-7/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

Recebido em: 6 de julho de 2021.

Aprovado em: 2 de agosto de 2021.